



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS DE ZERO A DOIS ANOS: O QUE SABEM OS EDUCADORES?

Regina Lucia de Jesus Santos - Autora

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- reginaluciajs25@hotmail.com

Karla da Costa Seabra- Orientadora

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - seabrakc@uol.com.br

Lorena Peixoto de Sá- Co-autora

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - lorenasa19@gmail.com

Samara Mithya de Souza Santos – Co- autora

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - samarasantos2091@hotmail.com

Juliana dos Santos Meyniel- Co- autora

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - julymeyniel@globo.com

Várias pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento (Lyra e Seidl de Moura, 2000; Seidl de Moura & Ribas, 2000; 2002; Keller, 2007) têm sido realizadas com o intuito de investigar o lugar das práticas sociais na constituição do sujeito e afirmam que o processo de desenvolvimento dependerá dos recursos da criança que se formam nas e por essas interações. Este trabalho faz parte do projeto da pesquisa “Formação de educadores e práticas pedagógicas com bebês” e pretende dar continuidade a essas investigações, tendo como pressupostos teóricos que o conceito de infância refere-se a um período de tempo na vida humana que é definido e delimitado pelos membros de uma determinada sociedade, e que a condição de ser criança está vinculada a fatores sociais e biológicos.

O bebê humano, se comparado ao de outras espécies, é o que apresenta maior imaturidade neurológica ao nascer, sendo inviável a sua sobrevivência sem a ajuda de um adulto. Tal imaturidade só é superada no convívio com o mundo externo, inclusive, e talvez em função desta imaturidade, possui várias características que o auxiliam para interagir com os outros membros de sua espécie.

Para Seidl de Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Ribas Jr e Nogueira (2004), a interação entre o bebê e seu cuidador pode se dar de variadas maneiras: através do contato olho a olho, vocalizações, gestos, tom de voz, sorrisos, posturas, brincadeiras,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

expressões faciais, aproximação e afastamento corporal, e do choro. Tanto o bebê como o adulto parecem ser sensíveis ao responder os sinais um do outro e essa comunicação que pode ser estabelecida entre o cuidador e o bebê vai sofrendo alterações que estão intimamente relacionadas ao próprio desenvolvimento do bebê .

Além das trocas interativas entre parceiros, há um sistema interativo que se desenvolve da relação criança e ambiente. A integração entre o ambiente físico e social em que a criança vive foi nomeado por Harkness e Super (1994) como nicho de desenvolvimento, visando compreender como o desenvolvimento infantil pode ser culturalmente “moldado”.

Nesta direção é importante que o educador da creche tenha noções de que a criança na instituição de Educação Infantil influencia e é influenciada por esse ambiente físico e social, considerando que o desenvolvimento humano é um processo que ocorre através das interações com outras pessoas em ambientes organizados culturalmente. É necessário favorecer o desenvolvimento de todas as capacidades, mas com respeito à diversidade e as diferenças entre as crianças.

Para que este desenvolvimento ocorra satisfatoriamente, a criança necessita de estímulos adequados e o educador precisa identificar o nível de desenvolvimento dos bebês, para intervir neste processo de maneira a, nem repetir o que o já faz ou já sabe, nem dar saltos muito grandes que o impossibilite de avançar em seu desenvolvimento. Enfatiza-se a importância dos currículos dos cursos de formação dar preferência aos conhecimentos a respeito das especificidades infantis, principalmente sobre a importância da presença do binômio cuidar e educar, na atuação desse profissional.

É neste sentido que o trabalho aqui apresentado pretende colaborar, tendo como objetivo investigar o nível de conhecimento de educadores de crianças de 0 a 2 anos sobre o desenvolvimento infantil. Como objetivos mais específicos pretende-se investigar: o nível de conhecimento de educadores sobre desenvolvimento em seus variados aspectos e a forma como foram adquiridos; o nível de formação dos educadores; os teóricos e teorias de desenvolvimento dos quais se apropriam; a relação entre o conhecimento do desenvolvimento de bebês e a prática cotidiana de educadores.

A hipótese que norteia esta pesquisa é que falta aos educadores conhecimento suficiente sobre o desenvolvimento da criança de zero a dois anos, o que conseqüentemente leva muitas vezes a uma prática cotidiana inadequada em relação aos estímulos oferecidos. Acredita -se que a partir dos resultados encontrados será viabilizado um melhor planejamento das disciplinas de desenvolvimento infantil nos cursos de formação e aperfeiçoamento de professores, contribuindo para a formação de um profissional mais próximo das necessidades do cotidiano, articulando os saberes e a teoria à prática profissional. Dessa forma, há possibilidades de contribuir com uma formação diferenciada e competente para o atendimento de bebês em creches.

Participaram da pesquisa até o momento 25 educadores de bebês de zero a dois anos de creches particulares do município do Rio de Janeiro. A idade das educadoras variou de 22 a 46 anos, tendo como média 34 anos. A maioria das educadoras (76%)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tem formação em nível superior, 8% estão em fase de conclusão de pós-graduação e 16% concluíram. Apenas 4% tem apenas o curso normal. O tempo de experiência na Educação Infantil variou de 2 a 26 anos, tendo como média aproximadamente 11 anos. O tempo de experiência com bebês variou de 1 a 20 anos, tendo como média 5 anos. Menos da metade das educadoras (35%) tem entre 3 e 5 anos de experiência de trabalho com bebês, seguidos de 21% com experiência de até 2 anos e apenas 28% possuem mais de 5 anos de experiência.

Como instrumento de pesquisa utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada para educadores contendo 18 perguntas com a finalidade de obter informações sobre o nível de conhecimento do desenvolvimento de bebês em seus variados aspectos.

Os participantes assinaram um termo de consentimento que visa obter informações a respeito da natureza da pesquisa, dos possíveis riscos e desconfortos, da confidencialidade, e do não recebimento de benefícios e pagamentos. Os dados foram coletados com os educadores nas residências dos participantes ou em seus locais de trabalho. As entrevistas foram transcritas e os conteúdos das falas analisados qualitativamente e quantitativamente por temas. Neste trabalho faremos uma análise parcial das entrevistas, enfocando nos temas relacionados ao que os educadores consideram importante para lidar com os bebês, o que estudaram sobre desenvolvimento e onde obtiveram o conhecimento, as atividades planejadas, suas necessidades de aprendizagem para trabalhar com essa faixa etária.

Em relação ao que acham necessário saber para lidar com criança de 0 a 2 anos, o aspecto mais abordado (60 % dos participantes) foi o conhecimento sobre desenvolvimento infantil, *“Ter conhecimento de desenvolvimento, conhecimento das fases, conhecimento teórico...”* (entrevista 23), sendo que 20% ainda citaram aspectos específicos do desenvolvimento: *“conhecer o desenvolvimento deles... né, psicológico, cognitivo...”* (entrevista 14). O segundo aspecto mais apontado está relacionado ao afeto, as palavras paciência, carinho e acolher estiveram presentes também em 20% das entrevistas. O trabalho pedagógico (*“Criar mecanismos para estimular o bebê”*-entrevista 13) está presente em 16% das entrevistas e a necessidade de obter conhecimento (*“... é a referência, formação”* - entrevista 20) surgiram em 20% das entrevistas. Os aspectos de cuidado físico (*“a higiene da criança, sobre o bem estar da criança... a questão da higiene, só a questão do cuidado”* - entrevista 15), estiveram presentes em 12% das entrevistas, a rotina e a prática do dia-a-dia também foram citados, porém cada um desses aspectos apenas duas das entrevistas. Outro aspecto abordado foi o conhecimento do perfil pessoal da criança (*“bastante paciência pra saber lidar com eles, com as vontades e a particularidade de cada um”*- entrevista 21), apontado em 24% das entrevistas.

Embora muitos aspectos para o lidar com bebês de 0 a 2 anos tenham sido apontados, e que hoje o assistencialismo não seja mais o foco da creche, já que ela defende o cuidar e educar concomitantemente, ainda assim duas educadoras citaram o cuidado físico como o mais importante para lidar com essa faixa etária.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Já em relação ao que estudaram sobre o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, o aspecto que mais citado foi o dos teóricos (*“Piaget e Vygotsky , é ...sobre fundamentação teórica enfim ... Entrevista 20*), por 44% participantes. Seguido pelo aspecto das dimensões do Desenvolvimento Infantil, citado por 40% dos participantes (*“da necessidade de cada faixa, do que a gente pode tá esperando deles” – entrevista 7*). Nos chamou a atenção o fato de uma das entrevistadas ter citado *“os filósofos”* como importantes nas teorias do desenvolvimento. Um aspecto citado por 28% dos entrevistados foi o desenvolvimento psicomotor (*“...eu vi principalmente nas de 0 a 2 anos, a questão mais psicomotora, que é o andar, como que esse corpo vai se movimentar nos espaços.” – entrevista 24*). Com a mesma porcentagem, vimos a necessidade de buscar o conhecimento em cursos (*“Fiz cursos, fiz seminários, fui em palestras” – entrevista 7*). Tivemos a observação de educadoras que afirmaram não lembrar ou lembrar pouco dos conteúdos ou teóricos (*“O que eu estudei, certo, assim, dizer, sinceramente, eu não lembro. Foram muitos teóricos, né? Eu gostava muito... Esqueci o nome dele agora.” – entrevista 3*). Aspectos como Desenvolvimento da Linguagem e Desenvolvimento Emocional, foram citados em 16% das entrevistas. Foram citados também outros aspectos, como rotina, estimulação, pedagógico, brincadeiras e educação especial porém em baixa proporção.

Podemos perceber, portanto, respostas muito abrangentes e variadas, sugerindo uma apropriação superficial da maioria dos participantes nos estudos sobre as teorias e teóricos do desenvolvimento infantil, embora todas elas afirmem ter aprendido sobre o desenvolvimento de 0 a 2 anos nos cursos de formação (Curso Normal ou Pedagogia). Mais da metade dos entrevistados (52%) apontaram ter obtido esse conhecimento na prática diária com os bebês: *“mas eu acho que onde você aprende de verdade é no cotidiano com as crianças.” – entrevista 16*). Outro aspecto citado em 43% das entrevistas é a aprendizagem em cursos livres (*“onde eu trabalhei também... Porque sempre dava curso de capacitação... E cursos em outras instituições.”- entrevista 14*). Notamos que no tocante ao local de aprendizagem sobre o desenvolvimento infantil, as instituições de ensino regular (Faculdade, Ensino Médio Modalidade Normal, e Pós-graduação) foram bastante lembradas, entretanto se retomarmos à questão anterior, podemos concluir que o aprendizado formal não necessariamente às levou à apropriação completa do tema.

Em relação aos teóricos do desenvolvimento infantil, 92% das educadoras citaram ter estudado Jean Piaget, o segundo mais citado foi Vygotski (72% participantes), seguido por Wallon (32% dos participante). Importante destacar que apareceram autores como Froebel, Emília Ferreiro e Paulo Freire, entretanto, estes não se caracterizam como teóricos do desenvolvimento infantil, pois suas contribuições estão mais voltadas para o campo da Educação. Outro fenômeno que apareceu (16% participantes) foi a não lembrança dos nomes dos teóricos ou não conseguir expressar mais de um, com a justificativa da não recordação (*“Agora eu não lembro de nenhum, mas eu tive uma grande vivência na faculdade. Foi falado bastante desse desenvolvimento.” – entrevista 6*). Algumas entrevistadas citaram o construtivismo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como teoria do Desenvolvimento Infantil, porém em baixa proporção. Estes trechos revelam que as professoras não possuem um conhecimento mais profundo sobre os teóricos do desenvolvimento infantil, afirmando ainda, que existem teóricos novos ou que sua formação não contemplava esta questão. (*“Tem vários agora novos que, na minha época, eu não estudei. (Risos) né ?”* – entrevista 7).

As fontes de pesquisa mais citadas pelos educadores foram a internet (56% dos participantes): *“Bom, a internet funciona bastante pra pesquisar”* - entrevista 17; em revistas de banca de jornal (48% dos participantes). As orientações de outras profissionais foram citadas em 32% das entrevistas: *“com as meninas do trabalho... as psicólogas e as coordenadoras da instituição”* - entrevista 16, assim como consulta em livros acadêmicos. Enquanto os cursos, as instituições de ensino regular e a experiência com a prática foram citados por 12% dos participantes. Apenas 2 entrevistadas não souberam apontar as fontes de pesquisa. Observamos que a busca de conhecimento vem de fontes mais informais através de blogs na internet e revistas como a “Nova Escola”. O conhecimento acadêmico parece não ser muito valorizado, ou não atende as expectativas desse grupo de educadores.

Em relação ao que gostariam ou sentem necessidade de saber para lidar com os bebês o ponto mais abordado é o desenvolvimento infantil em diferentes aspectos (36% dos participantes): *“a parte egocêntrica dessa faixa etária... tem as mordidas, essa fase do desenvolvimento”* - entrevista 20. A necessidade de cursos/palestras específicos foi citada por 24% dos entrevistados. A psicomotricidade foi citada por 20% dos entrevistados. Outros pontos que apareceram, mas com pouca frequência, foram atividades pedagógicas, estimulação, saber mais sobre a educação especial, a necessidade de um conhecimento legitimado como uma pós-graduação em educação infantil e o suporte material, o auxílio de mais pessoas (*“a gente deixa de fazer uma proposta que poderia ser muito legal, ou muito rica, por conta de não ter material, ou de não ter pessoas suficientes naquele momento”* - entrevista 4) e a compreensão de questões familiares das crianças (*“o que eu mais gostaria de entender, a necessidade assim, é entender os pais dessa faixa”* - entrevista 19). Interessante notar que em 20% das entrevistas as educadoras não afirmaram sentir necessidade de saber mais sobre nenhum aspecto específico, e afirmaram que a necessidade e o aprendizado surgem na prática cotidiana: (*“Você vai descobrindo mesmo com eles.”* - entrevista 8).

Foram muitas as dificuldades relatadas pelos educadores, mas nenhuma foi apontada pela maioria. O aspecto mais citado foi a relação com a família, ainda assim apenas por 20% dos entrevistados. A quantidade de crianças por turma, a mistura de faixas etárias e agressividade infantil também foram citados, mas também com baixa frequência, assim como o período de inserção da criança, as crianças com necessidades especiais, a dependência dos bebês, projetos inadequados e materiais insuficientes ou também inadequados.

Em relação aos tipos de atividades pedagógicas planejadas pelas educadoras, a maioria citou atividades que exploram a coordenação motora ampla, apontada por 60% dos entrevistados: *“Atividades motoras, né...coordenação ampla”* - entrevista 25. Assim como a coordenação motora fina, seguido por 56% dos entrevistados: *“, a gente explora*



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

bastante a parte motora... Amassando papel”- entrevista 7. Atividades que trabalham o lúdico, o concreto e música, foram apontadas por 24% das entrevistadas, seguido pela linguagem verbal com apenas 20 %: *“a gente tem que trabalhar oralidade”*,(entrevista 24). Atividades coletivas, faz-de-conta e textura também foram citadas pelas entrevistadas com 16%: *“faz de conta que a criança possa criar um vínculo e criar a situação dela”* ,(entrevista 17). Atividades utilizando tecidos, autoimagem, construção de objetos , sucata, artes, linguagem gestual e matemática também foram citadas, porém em baixa proporção.

Concluímos até o momento que, diante dos resultados apresentados, podemos observar contradições nas falas das educadoras. Embora muitas cite aspectos relevantes para essa faixa etária, algumas ainda estão presas à postura do cuidar e da prática cotidiana. Como resultado, podemos perceber que mesmo com uma formação acadêmica considerada adequada, há uma defasagem no tocante ao domínio de conhecimentos precisos sobre o desenvolvimento global dessa faixa etária podendo evidenciar uma falha nas instituições regulares de ensino. Entretanto, essa pesquisa é uma pequena amostra que necessita ser aprofundada no futuro para resultados mais relevantes, a fim de colaborar com programas que estimulem o estudo do desenvolvimento infantil.

Referências Bibliográficas:

LYRA, M. C. D. P. & SEIDL DE MOURA, M. L. (2000). Desenvolvimento na interação social e no contexto histórico-cultural: adequação entre perspectiva teórica e metodologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 13(2): 217-222.

SEIDL DE MOURA, M. L.& RIBAS, A. F. P. (2000). Desenvolvimento e contexto sócio-cultural: a gênese da atividade mediada nas interações mãe-bebê. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 13(2), 245-256.

SEIDL DE MOURA, M. L. & RIBAS, A. F. P. (2002). Imitação e desenvolvimento inicial: evidências empíricas, explicações e implicações teóricas. **Estudos de Psicologia**, 7, 207-216.

KELLER, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, NJ: Lawrence

HARKNESS, S.; Super, C. M. Developmental niche: a theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science Medicine*, n. 38, p. 219- 226, 1994.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. Evidências sobre características de bebês recém nascidos: um convite a reflexões teóricas. Em: M. L., Seidl de Moura (Org.). *O bebê do Século XXI e a psicologia em desenvolvimento*, (pp. 21-60). São Paulo: Casa do Psicólogo,2004.